

A CEGUEIRA DO OLHAR ATENTO EM “POR NÃO ESTAREM DISTRAÍDOS”, DE CLARICE LISPECTOR¹

THE BLINDNESS OF THE ATTENTIVE EYE IN “BECAUSE THEY ARE NOT DISTRACTED”, BY CLARICE LISPECTOR

Guilherme Henrique Diniz de Santana²
Aroldo José Abreu Pinto³

Data de recebimento do texto: 25/09/2024

Data de aceite: 23/10/2024

Resumo: A enigmática e criativa escritora Clarice Lispector traz, em seus textos, o colírio necessário para enxergar o próprio interior do ser. As nuances convidativas de sua escrita intrincada, bem como sua habilidade singela de quebrar paradigmas sociais, nos mostram um labirinto multifacetado de reflexões, revelando os caminhos de nossas fragilidades face às construções tradicionais da sociedade. Neste apanhado de reflexões, abordaremos os anseios humanos perante as pressões sociais, presentes na crônica “Por não estarem distraídos”, publicada em *Todas as crônicas* (2018), buscando analisar como a autora consegue transportar o leitor para dentro da obra, fazendo-o questionar sua própria visão acerca de si mesmo. Com base na teoria do efeito estético de Wolfgang Iser (1996) e Hans Robert Jauss (1994), buscaremos evidenciar as imagens construídas pela autora, visando provocar a atenção do leitor sobre a crônica, recriando e ressignificando o texto literário. Acredita-se que, somente por meio dessa inclusão, pode-se configurar a tríade autor, obra e leitor e só assim a obra se torna plena.

Palavras-chave: Crônica. Clarice Lispector. Efeito Estético. Leitor.

Abstract: The enigmatic and creative writer Clarice Lispector brings, in her texts, the eye candy necessary to see the inside of one's being. The inviting nuances of his intricate writing, as well as his simple ability to break social paradigms, show us a multifaceted labyrinth of reflections, revealing the paths of our weaknesses in the face of traditional constructions of society. In this collection of reflections, we will address human anxieties in the face of social pressures, present in the chronicle “Por não estarem distraídos”, published in *Todas as crônicas* (2018), seeking to analyze how the author manages to transport the reader into the work, making it question your own view of yourself. Based on the theory of aesthetic effect by Wolfgang Iser (1996) and Hans Robert Jauss (1994), we will seek to highlight the images constructed by the author, aiming to provoke the reader's attention to the chronicle, recreating and giving new meaning to the literary text. It is believed that, only through this inclusion, the triad of author, work and reader can be configured and only then will the work become complete.

Keywords: Chronicle. Clarice Lispector. Aesthetic Effect. Reader.

¹ Este trabalho está inserido em um projeto mais amplo realizado junto ao acervo do escritor Ricardo Ramos e denominado “Acervo de Ricardo Ramos: disponibilização e organização de 1980 a 1992 – etapa final”, financiado pela UNEMAT/PRPPG e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq – Brasil.

² Mestrando em Letras com bolsa da CAPES, no Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLETRAS) da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT). E-mail: guilherme.santana2@unemat.br

³ Doutor em Letras pela UNESP/Assis-SP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), no Campus de Sinop e de Tangará da Serra. E-mail: aroldoabreu@unemat.br.

Considerações iniciais

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas.
Antonio Candido (1992)

As concepções sobre a crônica contemporânea devem, antes de explicar, responder aos questionamentos sobre sua própria função e origem, visto que vem ganhando novos contornos e feições desde as primeiras publicações em jornais no final do século XIX e intentando cada vez mais um caráter estético. Com destaque para sua capacidade de captar as nuances e contradições da sociedade, a crônica contemporânea brasileira figura como um gênero literário instigante e proximal em uma sociedade em constante transformação. Sua relevância é percebida na forma como reflete o cotidiano do indivíduo em um mundo globalizado e marcado pela diversidade e pelas crescentes desigualdades sociais.

Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, acende um cigarro, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo (Morais, 2010, p. 15)⁴.

Vinícius de Moraes, assim como Carlos Drummond de Andrade e outros poetas, buscaram veicular seus escritos nos jornais da época para alcançar seu público leitor. Assim, conseguiam expressar sua arte numa relação dialógica e profícua com o público, atendendo também suas necessidades financeiras. Segundo Moema Esmeraldo (2023, p. 3966-3983) “no Brasil, pode-se afirmar que o termo “crônica” se consolida com José de Alencar e Machado de Assis. A partir do Realismo” e, por isso, havia no estilo da escrita, uma linguagem do povo, do cotidiano, semelhante a uma reportagem.

Essas características bem brasileiras diferem nossa produção cronística da escrita tradicional contida nos folhetins franceses, de onde o gênero é originário. Trata-se de uma busca por uma linguagem próxima do povo, intimista e que ganha uma boa adesão em terras tupiniquins. Segundo o crítico literário Antonio Candido (1992), a crônica é uma forma de expressão, um veículo de aproximação entre o autor e o leitor, que insinua, diverte, atrai e que leva o indivíduo a desenvolver sua visão de mundo.

Em 1943, começa a brilhar a estrela de uma jovem ucraniana de família judia que,

⁴ Publicada originalmente no jornal *Correio da Manhã*, em 1958.

fugindo da guerra, chega ao Brasil e fixa residência em Recife, onde mora por dez anos até se mudar definitivamente para o Rio de Janeiro. Clarice Lispector, com apenas 23 anos, publica o romance *Perto do Coração Selvagem* (1943) e já chama a atenção de críticos respeitados como Alfredo Bosi: “Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise” (Bosi, 2004, p. 424).

Sua vasta produção artística na terceira fase do modernismo brasileiro, evidenciada nos muitos contos, crônicas, romances e até pinturas, exaltam o nome dessa gigantesca mulher que sofreu com a doença de sua mãe e que encontrou no aconchego das praias pernambucanas o alívio, a força e a inspiração para muitas de suas obras. Bosi (2004), a insere na chamada geração de 1945 como precursora de um estilo literário intimista, incluindo elementos da poesia na prosa, característica que teria muito apreço e aceitação nos anos seguintes.

Eu não sei da infância alheia. Mas essa viagem diária me tornava uma criança completa de alegria. E me serviu como promessa de felicidade para o futuro. Minha capacidade de ser feliz se revelava. Eu me agarrava, dentro de uma infância muito infeliz, a essa ilha encantada que era a viagem diária. (Lispector, 1999, p. 170)⁵.

Nesse trecho da crônica autobiográfica “Banhos de mar” (1969), a autora usa o cenário de sua infância em Recife e suas viagens diárias de bonde às praias de Olinda, revelando a euforia que sentia ao se aproximar da praia. A autora, que tem uma relação muito forte com o mar, escreveu bastante sobre esse assunto, abordando-o em diversos de seus textos. Esse tema é essencial nos contos “Água do mar” (1978); “O apanhador de sonhos” (1973); “A visita” (1961); e também é o cenário de “O macaco” (1963) e de alguns romances como *A paixão segundo G.H.* (1964); *O todo mais desejado* (1978) e *A hora da estrela* (1977). O mar também está presente em sua crônica “Águas do mundo” (1973) também publicada no *Jornal do Brasil*, bem como nas crônicas “O mar” (1978); “A ostra” (1978); “O farol” (1978); “A praia” (1978), todas contidas no livro *Para não esquecer* (1978), onde também está a obra aqui analisada.

⁵ Publicada originalmente em 1969 no *Jornal do Brasil*

A cegueira do olhar atento

O texto literário “Por não estarem distraídos” possui uma linguagem narrativa em terceira pessoa, o narrador é um observador crítico e usa um diálogo aparentemente simples - porém não simplista - onde são descritos os acontecimentos de maneira sequenciada e gradativa. Apesar da descrição correr leve como a “levíssima embriaguez” no andar dos personagens, ele possui camadas que vão sendo desnudadas aos poucos. Os personagens são duas pessoas que protagonizam a história do início ao fim, mas o narrador não atribui a eles nenhum nome, tratando-os sempre por pronomes pessoais e pronomes possessivos. A crônica reveste-se, portanto, de uma certa impessoalidade que vai sendo, conforme dito, desnudada aos poucos até o desfecho: “Tudo, tudo por não estarem mais distraídos” (Lispector, 2018, p. 334).

O enredo trata, dessa forma, da relação entre esses dois personagens e suas percepções, sentimentos e emoções, enquanto caminham pelas ruas de um lugar que também não é definido pelo narrador, mas que tem indícios de paisagem urbana, devido a presença de elementos como carros, pessoas, telefone e carta. Essa ocultação do espaço-temporal não é uma falha da autora, por achar que o tempo da narrativa não seja relevante para o texto, muito pelo contrário. Não apresentar claramente essa informação é um recurso bem utilizado por ela na construção da subjetividade da crônica, o que abre diversas possibilidades de interpretação ao leitor. Conforme nos alerta Nunes (1985, p. 103): “O tempo não é apenas um recipiente para os acontecimentos, mas também um revelador da história”. E complementa: “À medida que a narrativa se desenrola, o tempo nos permite compreender as relações entre os personagens, as causas dos conflitos e o significado dos acontecimentos”.

Se tomássemos uma estrutura já consagrada de narrativas ficcionais, poderíamos dividir a crônica em três momentos distintos: o momento inicial, onde a narrativa vai trazendo informações sobre a relação entre os personagens, tempo, espaço e contexto numa constante estável; o segundo momento, que vem com uma quebra da estabilidade por meio de um conflito, o desmoronamento da estrutura sólida anterior e o desenho de uma nova trajetória de instabilidade; e o momento final, trazendo a ideia de reflexão sobre as ações que geraram o conflito. O clímax do texto surge no final da segunda etapa, quando o narrador responde explicativamente os porquês do conflito, no caso, o objeto da distração.

Refletindo mais detidamente sobre o efeito que a autora parece querer causar no leitor ao ter contato com o texto, podemos observar o emprego de recursos linguísticos que nos transportam para a mente do narrador, levando-nos a ver o não-dito ou mesmo o interdito. Esse recurso de representação, tendo em vista a teoria de Wolfgang Iser (1996) e Hans Robert Jauss (1994), pode ser compreendido como uma busca por um certo “efeito estético”.

Iser (1996) entende que a literatura não é um processo encerrado em si mesmo. O esforço é por interpretar a obra literária com vistas também no leitor, ou seja, em seu livro *O ato da leitura* (1996), aprofunda seu olhar sobre o efeito que a obra causa no leitor e, dessa forma, este leitor seria coparticipe dela, por meio de sua percepção e imaginação. Assim, consegue verificar o efeito estético numa relação aberta e dialógica da obra com o leitor. Ainda para ele, essa interação é o real objeto literário, além de promover uma mudança tanto na obra quanto no leitor.

Iser (1996) se utiliza de concepções estruturalistas para ajuizar que, para ter qualidade estética, a obra literária precisa ter uma boa estrutura. Equitativamente, o crítico valoriza a percepção imaginativa do leitor, observando como este se relaciona com os elementos da obra e com os vazios, as brechas do texto, ou partes de ideias não explicadas totalmente, que o leitor as preenche com suas experiências afetivas e suas sensações. É nesse processo então que o leitor recria a obra literária e a ressignifica pois, para Iser (1996), a literatura tem um sentido transitório e mutável, de acordo com a historicidade.

Essa possibilidade de imaginação e recriação da obra pelo leitor, bem como outros traços do efeito estético valorizado pelo teórico, podem ser observados a partir da análise mais pontual da crônica de Clarice, principalmente as indeterminações, as perspectivas, a tensão dialética e a imaginação.

Entre as indeterminações, podemos considerar, desde o título da obra, quando a autora não define o estado atual dos personagens ou o objeto de sua atenção, visto que eles não estavam distraídos. Já aí verificamos algumas lacunas na narrativa e somente um olhar mais atento e analítico nos permitirá identificar que esses espaços vazios serão uma tônica em todo o texto.

A expressão “não estarem distraídos”, contida no título, já nos traz um estranhamento devido à negativa do verbo que, apresentado no modo infinitivo pessoal, busca definir o estado em que o sujeito está. Assim, não estando “distraído”, o sujeito

oculto da oração (eles) só pode estar atento, porém se a autora tivesse invertido a voz do sujeito de passiva para ativa, poderia facilitar a compreensão da problemática do texto e isso não é o objetivo nem da crônica, nem da autora.

Em “levíssima embriaguez” Lispector (2018, p. 334), encontramos uma ambiguidade, pois a embriaguez já é um estado de alteração em relação ao estado natural, e, assim, a associação com “levíssima” pode dar a conotação de torpor sutil ou um estado de anestesia e distração enquanto os personagens caminhavam juntos.

Já em “a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta” Lispector (2018, p. 334), o narrador parece querer trazer experiências concretas do cotidiano para exemplificar e engrandecer o sentimento experimentado pelos personagens. A escritora, num manejo peculiar dos vocábulos e de expressões, parece querer com a expressão “como quando” fazer com que o leitor se identifique com a mesma alegria experimentada pelos personagens, resgatando possíveis memórias afetivas do leitor para que este, ao ler o texto, possa rememorar ou mesmo aproximar-se da mesma emoção que o narrador sentiu ao vislumbrar a cena.

Ela também poderia estar imprimindo no texto suas próprias memórias pessoais do tempo que passava na praia de Olinda/PE, conforme relatado na crônica “Banhos de mar” (1999, p. 170). Assim ela, como qualquer criança que gosta de água, levava água do mar à sua boca e, quando saía da praia, possivelmente, ficava com a boca seca: “O mar de Olinda era muito iodado e salgado. [...] com as mãos em concha, eu as mergulhava nas águas, e trazia um pouco do mar até minha boca: eu bebia diariamente o mar [...]”. Relacionando com a crônica “Por não estarem distraídos” (2018), a autora pode estar expressando o mesmo sentimento no trecho “a alegria como quando se sente a garganta um pouco seca e se vê que por admiração se estava de boca entreaberta” Lispector (2018, p. 334), sentindo a garganta seca, porém, com alegria, deixava a boca aberta de admiração.

Como já vimos no início, a autora tinha uma forte relação com o mar desde a infância e, nessa primeira parte do texto, ela usa três vezes as palavras sede/água, metafórica e meticulosamente empregadas, possivelmente para associar a intensa relação dos personagens com as necessidades mais vitais do ser humano e/ou talvez para criar no leitor uma ideia do nível elevado de conexão do casal. As metáforas são: “esta sede era a própria água deles [...] era a alegria da sede deles [...] a sede é a graça [...] as águas são uma beleza [...] o brilho da água deles”, Lispector (2018, p. 334).

Esse jogo de palavras (sede/água) traz a ideia de satisfação, de completude, de encaixe perfeito, e quando pensamos numa relação a dois, essa imagem é mais evidente na fase da conquista com o deslumbramento do outro, a sensação de ter encontrado o príncipe encantado, ou, como se usa na linguagem oral, encontraram a “tampa da panela”. Toda a mística que envolve a concepção social de formação da família e de relacionamento amoroso se apresenta de maneira muito contundente.

Muito dessa concepção idealista e apaixonada vem de mitos construídos na antiguidade e que até os dias atuais fazem parte de nossa cultura. Segundo o *Dicionário de Símbolos*, de Chevalier e Gheerbrant (2001), a simbologia da água pode ser resumida em três temas: fonte de vida, meio de purificação e também centro de regenerescência e essas representações, advindas das mais antigas tradições, constroem diversas combinações imaginárias, como exemplo:

As águas, massa indiferenciada, representando a infinidade dos possíveis [...] a água ritual das iniciações tibetanas é o símbolo dos votos, dos compromissos assumidos pelo postulante. Para voltar, enfim, ao simples encanto das aparências, citemos a bela fórmula de Victor Segalen: Meu amante tem as virtudes da água: um sorriso claro, gestos fluidos, uma voz pura que canta gota a gota (Stèles) [...] Na bíblia, os poços no deserto, as fontes que se oferecem aos nômades são outros tantos lugares de alegria e encantamento [...] Perto deles nasce o amor e os casamentos principiam [...] Dos símbolos antigos da água como fonte de fecundação da terra e de seus habitantes podemos passar aos símbolos analíticos da água como fonte de fecundação da alma: a ribeira, o rio, o mar representam o curso da existência humana e as flutuações dos desejos e dos sentimentos (Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. 15, 16 e 21).

Diante dessas referências, vemos então que a água é considerada, por diversos povos em diferentes gerações e credos, como um elemento simbólico relacionado, entre outras coisas, ao relacionamento, à alegria, ao matrimônio, aos desejos e às emoções. Assim, podemos relacionar esse conhecimento coletivo com a intenção da autora em criar esse ambiente relacional entre os personagens na crônica.

Tendo em vista essas indeterminações, podemos atentar agora para as perspectivas da crônica de Clarice, bem como uma certa tensão dialética presente em sua narrativa, pois, num segundo momento, quando a relação entre os personagens se transforma, vemos a mudança de uma narrativa que, até então, só havia abordado a relação de maneira conjunta, usando nove vezes os pronomes no plural eles/deles. Neste segundo momento, há uma

separação entre eles com dois pontos de vista diferentes e expressos com alternância dos pronomes ele/ela: “Ele procurava e não via, ela não via que ele não vira, ela que estava ali, no entanto. No entanto ele que estava ali” (Lispector, 2018, p. 334).

Essa observação do emprego dos pronomes no plural - e posterior mudança para o singular - pode gerar no leitor um questionamento sobre o objetivo do narrador, além de possibilitar que o leitor tome partido de um dos personagens, defendendo-o e, por consequência, acusando o outro lado pelos “erros”. Contudo, nessa etapa do texto fica clara a divisão ou separação do casal que, devido ao uso dos pronomes no feminino e no masculino, entende-se que se trata de um casal heterossexual, o que até então não podíamos ter certeza.

Também ao nível das representações trazidas com a linguagem utilizada, durante a narrativa é possível enxergar um certo mistério, característico da escrita da autora, e onde o narrador se coloca - e também nos coloca - como espectadores de uma possível cena típica, porém não perceptível, que acontece frequentemente nos relacionamentos amorosos, mas que os casais muitas vezes não veem acontecer. Assim, ao olhar para a obra com mais cuidado, vemos essa tensão a nível da linguagem e, por conta dela, podemos fazer inferências, conjecturas e novas interpretações.

Uma delas é o sentido contrário na expressão “levíssima embriaguez”, que já foi abordada anteriormente, como também a metáfora contida na frase “e ter esta sede era a própria água deles” (Lispector, 2018, p. 334). Em “para dar matéria e peso à levíssima embriaguez” (Lispector, 2018, p. 334), temos mais uma colocação labiríntica ou talvez até enigmática da autora. Entendendo que essa embriaguez é um estado de contemplação apaixonada do outro, uma distração do mundo ao seu redor, com a leveza de como se os personagens flutuassem enquanto caminhavam juntos, a ideia de matéria e peso pode sugerir uma força que os mantém no chão, como se eles estivessem tão apaixonados que estariam perdendo a gravidade. Assim, a conversa e os risos seriam essa força gravitacional que os mantinha ocasionalmente no mundo real.

Com a mudança da narrativa no segundo momento e a instauração do conflito vem a afirmação “tudo se transformou em não quando eles quiseram essa mesma alegria deles” e, mais adiante, “quiseram ter o que já tinham” (Lispector, 2018, p. 334). Assim, temos um questionamento: se eles já tinham essa alegria, por que eles queriam ter? A primeira resposta possível é que eles poderiam não saber que tinham a alegria, pois estavam apenas aproveitando o relacionamento sem pensar no que tinham, sem se dar conta do que

estavam construindo, ou seja, apenas vivendo a experiência. O texto segue com alguns elementos que nos ajudam a desvendar esse mistério: “a dança dos erros” e “o cerimonial das palavras” (Lispector, 2018, p. 334). Dança e cerimônia são características de festas de casamento e, de acordo com o contexto, pode sugerir a ideia de que a alegria que eles queriam ter era a união matrimonial ou a oficialização de um compromisso, o que é reforçado pela frase: “Tudo porque quiseram dar um nome” (Lispector, 2018, p. 334).

Outra informação importante sobre essa ideia da intenção deles em oficializar a união é que só nessa etapa do texto o verbo “querer” é repetido cinco vezes (quiseram / queriam / quiseram / quiseram / quiseram). Podemos compreender que o narrador está enfatizando a vontade persistente do casal que, mesmo diante dos erros, “quiseram”. Essa insistência os torna inflexíveis e insensíveis, “exigentes e duros” e geralmente é assim que muitos casais inconsequentes tomam decisões precipitadas.

Essa ideia faz uma crítica às convenções sociais, visto que a nossa cultura e nossa educação nos ensinam que o casamento é o curso natural de pessoas bem-sucedidas, ou seja, uma realização que atribui o *status* de sucesso. Dessa forma, o narrador reflete que eles tinham alegria, tinham uma boa conexão, tinham amor, mas talvez se sentissem pressionados a oficializar a união e queriam mostrar isso para a sociedade por meio de uma convenção clássica. Assim, eles se desconstruíram a ponto de não se reconhecerem: “Ele procurava e não via, ela não via que ele não vira, ela que estava ali” (Lispector, 2018, p. 334).

Podemos também fazer um paralelo dessa crítica com as redes sociais, onde a maioria de nós compartilha apenas as realizações, conquistas e momentos felizes como se isso fosse o todo de nossas vidas, passando uma ideia hipócrita de que somos bem-sucedidos, interessantes, bonitos e que estamos sempre felizes.

Outra possível interpretação é a de que os personagens poderiam ser apenas amigos que gostavam da companhia um do outro, como aquelas amigadas que nascem de maneira avassaladora e se tornam firmes e duradouras. Em alguns casos, as partes confundem amizade com amor e acabam estragando o relacionamento. Todo o contexto da crônica também faz sentido nessa visão.

Outro ponto central da compreensão da crônica e onde também vemos certa tensão dialética é na afirmação: “tudo só porque tinham prestado atenção, só porque não estavam bastante distraídos” (Lispector, 2018, p. 334). Agora o narrador explica que era exatamente a falta de atenção que os mantinha alegres e quando eles prestaram atenção, o

relacionamento se destruiu. Mas a questão ainda é: em que eles prestaram atenção? E nesse momento a ideia central do texto é revelada. A atenção que eles tinham na primeira fase do texto era na simplicidade do amor que sentiam, nas conversas enquanto andavam juntos, num toque ou apenas na presença do outro. Assim eles se mantinham distraídos (das regras sociais, das convenções e julgamentos externos) porque se fortaleciam e se completavam internamente. Tudo mudou quando eles mudaram o foco da atenção, deixando de olhar um para o outro, com todo o amor que estavam construindo e passando a olhar para fora. Esse foco de atenção no que estava fora os deixou atentos ao exterior e às imposições sociais, cegando-os do amor e da “levíssima embriaguez” interna, que era “a alegria da sede deles” (Lispector, 2018, p. 334).

Todas essas questões são lastreadas, espelhadas e/ou equilibradas pela imaginação do leitor no momento da leitura, de acordo com seu desempenho cognitivo e fruição do texto ficcional. Mais sistematicamente, de acordo com a teoria do efeito estético, o leitor tem a capacidade de interagir com a obra, criando imagens mentais, cenários e ideias a partir do texto literário, caracterizando a experiência estética. Assim, podemos imaginar que o começo da história reflete a maioria dos relacionamentos amorosos iniciados em sociedade: a paixão, a paquera, o flerte, a alegria que o par amoroso tinha quando estava junto. Tudo é intenso e vívido e gera nos personagens muita euforia e admiração a ponto de “secar a garganta”, como nos diz a crônica, simbolizando a sede pela presença do outro, os desejos naturais como o de beber água, a ansiedade por respirar “de antemão o ar que estava à frente”.

No trecho “mas as águas são uma beleza de escuras” (Lispector, 2018, p. 334), podemos observar que há uma problematização e um certo apelo a atenção do leitor. Com uma imaginável representação do oceano em sua profundidade e observando também a sequência do texto: “ao toque brilhava o brilho da água deles” (Lispector, 2018, p. 334), temos a ideia de um mergulho na imensidão do mar e, por conseguinte, na imensidão das relações humanas. Aqui novamente podemos trazer à luz a crônica “Banhos de mar” (1999, p. 169): “Meu pai também acreditava que o banho de mar salutar era o tomado antes do sol nascer. Ressurge a imagem das águas do mar e a imaginação do leitor precisa fruir para que a crônica constitua totalmente a sua essência. Retornando ao texto, a relação do casal, sua “levíssima embriaguez” ou o desejo de estarem juntos era belo e profundo como a beleza do mar, mas há pontos de escuridão.

É importante perceber essa identidade literária da autora permeando toda a crônica

por meio da linguagem enigmática, a repetição de elementos simbólicos que fazem parte de muitos momentos de sua própria memória e seus escritos; o caráter revolucionário, questionando paradigmas sociais hegemônicos e a habilidade hermética de lidar com as palavras.

Considerações finais

Confirmando sua notoriedade como escritora do indizível, poetisa do silêncio, enigmática com suas narrativas misteriosas e epifânicas, após a análise dessa pequena, mas complexa crônica, podemos dizer que Clarice Lispector supera qualquer rótulo e deixa muitas outras lacunas e fronteiras a serem avançadas. “Por não estarem distraídos” nos convida a compreensão de que, quando nos preocupamos mais com as pressões sociais e com as expectativas dos outros sobre nós, podemos nos anular, nos invisibilizar a ponto de nem mesmo as pessoas ao nosso redor nos reconhecerem.

Prontamente, do ponto de vista e do modo de representação adotado pela escritora, os recursos usados para nos colocar diante da cena, por meio da visão do narrador, exigem uma coparticipação do leitor, sob o risco do texto não se completar em sua totalidade como elemento artístico e social. É como se estivéssemos assistindo a um agradável filme em que as imagens estão como que vivas ou como se pudéssemos sentir a mesma emoção dos personagens ao seu lado. São realmente muito eficazes as representações da crônica em Clarice porque buscam e atingem o efeito estético.

E, enfim, voltemos à mesma esperança com que a autora finaliza a crônica “Banhos de mar”: “A quem devo pedir que na minha vida se repita a felicidade? Como sentir com a frescura da inocência o sol vermelho se levantar? Nunca mais?” (Lispector, 1999, p. 171) Podemos fazer uma última inferência de que é preciso reviver as sensações, repetir as situações para atingir o que se vislumbra. Até porque “quando o telefone finalmente toca, o deserto da espera já cortou os fios” (Lispector, 2018, p. 334). O casal da crônica “Por não estarem distraídos” pode não ter aprendido em sua totalidade a dura chamada para as questões do seu relacionamento, mas certamente o horizonte de expectativas do leitor está ou deveria estar afrontado e, ao mesmo tempo, estimulado pelo modo de representação e conteúdos representados na crônica.

Referências

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2004.

CANDIDO, Antonio et al. A vida ao rés-do-chão. In: _____. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHEVALIER, Jean; GHEEBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva; et al. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

ESMERADO, Moema de Souza. **Destecendo a crônica como gênero menor**: ressignificações, materialidades e suportes. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.9, n.1, p. 3966-3983, jan., 2023.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, v. 1. 1996.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as Crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, Clarice. Banhos de mar. In: LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b. p. 169-171.

MORAES, Vinicius. O exercício da crônica. In: _____. **Para viver um grande amor**. São Paulo : Companhia das letras, 2010. p. 15-16.

Nunes, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo: Ática, 1985. 2ed.: 2006.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.